

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua 31 de Janeiro, 165—GUIMARÃES

Palavras firmes

O nosso coração vibra, acelera as pulsações, se uma voz grita: Viva a República! Mas há que não contar, hoje, apenas com o coração. Passaram já os dias de fremente entusiasmo em que as palavras tinham o poder mágico de mover as massas, levá-las a apoteoses magníficas ou a reclamar justiça implacável e inflexível. Hoje, não bastam proferir o «abre-te Sésamo». Ao lado do coração trabalha o cérebro e, quando uma voz corta o espaço, mil olhos argutos olham os olhos do que atirou o brado e sondam o mais íntimo de alma do que o lançou. Um sereno e cuidado juízo crítico auto regula e fiscaliza os irreflectidos movimentos das massas.

Um viva à República era antes um bilhete de livre trânsito, através das nossas fileiras.

O primeiro malandrim aventureiro à cata de emprêgo ou foragido das hostes monárquicas, disposto a fazer das nossas costas degrau para as suas ambições, misturava-se connosco e cuspiam um viva à República.

Quando um dos nossos antigos via a confiança que nêle depositávamos, ameaçada por andar de gôrra com os adversários, a favorecer-los, a beijar-lhes a mão que lhes batia, aproveitava a primeira sota e erguia sonoro o viva a República.

E a nossa cegueira sentimental era tamanha que, generosamente esquecidos, correspondíamos com grito igual, em que ia um tolo, ingénuo e, sejamos francos, um criminoso perdão.

Fomos de uma fraqueza doentia. Pelas malhas largas do nosso sentimentalismo piégas passou todo o peixe gróssô da desvergonha nacional. Sempre que se travavam directrizes seguras para fazer marchar a República na direcção e sentido de uma Democracia pura, os falsos republicanos e aqueles que trocaram o diamante dos princípios do papel vendável de Companhias e Bancos, contrariavam essa pequena aspiração.

Meia dúzia de votos garantia-lhes o direito de dispôr de ser a favor do que era justo ou injusto, sem que disso se apercebessem, se dali lhes resultava conveniência próxima ou remota.

E encobriam o seu jôgo, num refervir tumultuoso de palavras fingidamente iradas, perturbadoras ou seguiam em farândola trágica de fantasmas.

Dissociamos de nós as massas operárias, essa valorosa coorte que desde a propaganda nos havia dado o seu valoroso esforço, comungava connosco nas mesmas aspirações. E substituíamo-la por quem? Por uma rédua de monárquicos a quem quisera agradar para que não tivéssemos uma República de pé descalço e mãos calosas, mas trabalhadora, viril, e antes, uma República burguesota, afiambrada, feita de todo o rebotalho que coça inútil o fundo das calças pelas esquinas e cadeiras dos cafés da Baixa. Demos a essa escumalha, que não lê nem

estuda, não sabe e é insusceptível de aprender uma República, na qual se sentiam melhor instalados e melhor comidos que «na sua monarquia». Aí temos, a brocha larga, as principais razões de instabilidade da nossa vida republicana.

Na Administração Pública conservamos os pivots que vinham da monarquia e, salvo honrosíssimas excepções, nos altos cargos a que subiram republicanos, estes deixaram-se dominar pelos primeiros ou entraram em estados de sono como o das gibóias, depois de terem devorado um boi. Aí está.

E já hoje os sentimos rondando em nossa volta, chamando-nos impertinentes, perturbadores da família republicana, iconoclastas e quicá vendidos ou ambiciosos, porque daqui lhes gritamos que servir o regime não é dar vivas à República, nem nas horas decisivas dar por êle o sangue e a vida. Não. Isso não basta. E' pouco. E' nada.

Servi-la é que é; minuto a minuto, hora a hora, sem desfalecimentos cobardes, numa constância nada espalhafatosa, serena, imperturbável. Pôr de banda o empenho, a caça ao voto, mentindo, não dobrando jámais e diante de ninguém a espinha dorsal. Na toca, fingindo dormir, afiando as garras, para o salto, depois quando a paz reinar, não, não é ser-se republicano.

Um homem que tem um ideal bate-se por êle de espingarda na mão, uma vez, mas com o cérebro todos os dias. E é o que não vemos. A cobardia intelectual atingiu o paroxismo, e daí o olhar de tôrva desconfiança com que a massa republicana mira certos sectores da política.

Poucos há que queiram e se atrevam a fazer a selecção de valores. Nêste número enfileiramos nós. Nada nos deterá na nossa marcha para a verdade e para a Justiça. Há que limpar da ganga o muito de bom e puro que há na República para a servir. Deixaremos o joio com o joio.

Que de amigos nossos teremos de incomodar e ferir! Embora! A República acima de tudo. Chegou o momento de tirarmos das duras lições sofridas, os ensinamentos necessários. A alma da Nação está connosco. Sentimo-la. E ela quer que os transviados dos bons princípios voltem ao redil. Os que se mostrarem relapsos, que se afastem definitivamente de nós, de uma vez para sempre, que apostasiem e sigam o *Nemo*, ingressem nas «Novidades» ou entrem na judiaria universal que servem. Mas que não nos venham dar vivas à República. Não venham, não, porque se arriscariam a receber em troca uma gargalhada de desprezo.

Lembremo-nos que os Republicanos de hoje perderam em superficialidade, mas ganharam em profundidade. As palavras de nada valem, desde que se não ajustem a actos, e os que as proferem serão considerados méros sinos, badalando no alto das tôrres. Simples instrumentos e nada mais...

O aviso fica feito.

GENTE NOVA

Os Estudantes de Direito de Lisboa

vão fundar a Liga Republicana da sua faculdade, trabalhando nesse sentido com o maior entusiasmo

Os monárquicos vão perdendo, a um por um, os seus sonhos de restauração e de predomínio. Em vão prégam a guerra santa à República; cada vez é maior o número de republicanos. Atiram-nos à cara durante algum tempo, com as novas gerações, afirmando, numa voz de papo, que a gente das escolas era na sua quasi totalidade integralista.

Final, dum momento para o outro, a mocidade escolar dispõe-se a desmenti-los, demonstrando, da maneira mais clara e terminante, o seu grande amor à República e enfileirando a nosso lado, com a maior nobreza e a mais rara elegância.

As recentes eleições académicas nas universidades e em outras escolas superiores de Lisboa, Porto e Coimbra, foram uma alta e salutar afirmação de republicanism, que não pode sofrer o menor desmentido. A mocidade que estuda ama apaixonadamente a República e por ela e para ela trabalha afincadamente. Ainda hoje, mercê dum encontro feliz, tivemos ocasião de constatá-lo, ouvindo as afirmações de três estudantes de Direito de Lisboa, com quem conversamos sobre o assunto: os nossos prezados correligionários João Nordeste, Bernardino de Sousa Vaz e Carlos Bana.

Há muito tempo que êste movimento republicano se está realizando. A gente nova de Portugal é, *malgré tout*, sincera e lealmente republicana. As nossas últimas eleições demonstram o bem a evidência. Mas elas não bastam; nós queremos mais, e por isso estamos tratando todos nós, da organização da Liga Republicana dos Estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa.

— Bravo! Folgamos sinceramente com essa notícia.

— Os trabalhos vão adiantados e o entusiasmo é enorme.

— Mas quais os factores a que obedeceu a organização da Liga?

— Vários. Em primeiro lugar, o natural espírito da emulação, nascido do facto de os estudantes republicanos de Coimbra e Porto se encontrarem há muito organizados, ao passo que os seus colegas da capital permaneciam desagregados e, portanto, diminuídos na sua força combativa. Em segundo lugar, o crescente e vigoroso republicanismo das novas gerações, aliada ao fortalecimento da fé republicana da mocidade universitária. Este facto, verificado em mais de uma ocasião, foi há poucos dias novamente posto em evidência com a vitória pelas listas republicanas nas eleições dos diversos organismos escolares, assim como pelo admirável concurso prestado pela mocidade

académica a essa grandiosa manifestação fúnebre que foi o entêrro do Dr. António José de Almeida. Também é interessante notar-se que a nossa organização republicana, pelo acolhimento que teve e pelo entusiasmo com que foi recebida nas diversas escolas superiores de Lisboa, é, como *O Povo* já acentuou, o mais formidável desmentido que pode fazer-se à suspeita, ultimamente lançada em público, de um suposto espírito integralista e reacccionário, predominante na Academia Portuguesa.

Quais são os fins da Liga

— Mas, qual a missão que a Liga vem desempenhar?

Os três briosos rapazes enumeraram-a:

— Alheia de tôdas as facções políticas, realizar a propaganda e a cultura republicana por todos os meios próprios, como conferências, publicações, etc.; organizar uma forte unidade republicana a dentro da Faculdade de Direito de Lisboa, a fim de solidarizar todos os seus alunos republicanos; promover, nas escolas superiores de Lisboa, a constituição de núcleos identicos, que, unido-se com a «Liga», formarão um Centro Republicano Académico, o qual, por sua vez, ligando-se às organizações republicanas do Porto e Coimbra, realizará a federação nacional dos estudantes republicanos.

E explicaram, a seguir:

— Dos objectivos que citamos, o mais interessante é, sem dúvida, a realização de conferências, tendo em vista a cultura e a propaganda republicana, sem as quais é impossível obter um verdadeiro espírito democrata, imprescindível à nossa República. Para êsse fim, contamos com o concurso de todos os bons republicanos em evidência, pelo seu valor intelectual e moral. Por essas conferências, que versarão os mais diversos temas sociais, procurar-se há interessar o povo na vida política portuguesa, instruindo-o, ao mesmo tempo, no verdadeiro sentido republicano.

«De não menos alcance é a iniciativa que os estudantes republicanos da minha Faculdade tomaram, de promover a formação de um Centro Republicano Académico em Lisboa. Far-se-há, depois, a sua união com as identicas agremiações do Porto e Coimbra, para a constituição de uma federação nacional de estudantes republicanos, a fim de se obter a unidade académica. Realizar-se-há, então, o intercambio universitário — empresa já uma vez tentada, sem exito apreciável.

Sob o ponto de vista prático bastará citar algumas das varias iniciativas que temos em vista: por um lado, a propaganda em prol da assistencia publica, dos seguros sociais e da republicanização do ensino; por outro lado, a luta mais encarniçada contra o clericalismo e analfabetismo e outros flagelos sociais.

— E tem fé segura na victoria?

— Para o triunfo da nossa causa contamos com o apoio de todos os colegas, para quem a

Imposto de turismo

Foi suprimido o imposto de viação relativo a veiculos, automóveis e a motocicletas com ou sem «side-car».

E' proibido aos corpos administrativos o lançamento de impostos ou taxas pelo uso, estacionamento, passagem ou por qualquer outro título sobre veiculos mencionados no artigo anterior e sobre a venda ou consumo de gasolina, pneumáticos e câmaras de ar, sendo abolidos os actualmente existentes.

Também os lavradores estão isentos do mencionado imposto sobre os carros de bois que se destinem aos serviços agricolas ou condução para os mercados e feiras dos produtos da sua lavra, conforme o decreto que há dias publicamos.

*

Todos os proprietários de veiculos, como: trens, carroças, galeras, bicicletas e carros de bois (carreiros) teem que tirar desde já as licenças deste imposto, na repartição de finanças e relativas a este ano; de contrário ficam sujeitos ás penalidades da lei.

Os interessados devem ir munidos duma estampilha fiscal de dois escudos.

*

Os lavradores que tenham carros de bois somente para trabalhos agricolas das suas propriedades, estão isentos do referido imposto; mas para isso teem de requerer desde já na Repartição de Finanças o certificado, como determina o decreto n.º 10.703; de contrário ficam sujeitos ás penalidades da lei, como não possuindo licença nem o documento da mencionada isenção.

Até que enfim

Pediu a demissão de Presidente da Câmara, o Sr. Dr. Antonio Coelho da Mota Prego.

Republica não seja um motivo de meros discursos liricos, mas sim um ideal grandioso que só se mantém e defende à custa dos mais árduos sacrificios. Que cada um tenha a consciencia do seu dever e se compenetre de que recusar-nos a sua cooperação será, na realidade, traír a ideia republicana que pretende defender! E, para concluirmos, desnecessário será frisar que seremos absolutamente intransigentes com os inimigos da Republica. Todo o confusioismo, todos os contactos com a reacção serão sempre repellidos por nós. Defenderemos, pois, a ideia já hoje felizmente em marcha, da grande frente única constituída apenas pelos verdadeiros republicanos. E' a doutrina de *O Povo*, a boa doutrina sem duvida.

De «O Povo».

Há onze anos!

Faz hoje precisamente 11 anos que, na cidade do Pôrto, alguns pobres abencerragens duma causa falida — a Monarquia — tentaram num golpe de audácia depôr o regimen republicano e hastearam naquela cidade o pavilhão azul e branco.

Já lá vão 11 anos! Que bom pano de amostra foi esse, para que não houvesse português, verdadeiramente digno desse nome, que não odiasse profundamente o regimen deposto na manhã gloriosa de 5 de Outubro, esse regimen de ferrete de condenado — pelos escândalos do negócio Hinton, dos adeantamentos e da chancela nas notas...

Já lá vão 11 anos! Que horas amargas foram as desses 25 dias de regabofe, tão amargado que ainda hoje demoradamente pensamos como foi possível tal golpe traiçoeiro... Mas o povo soube tornar ridicula essa farça que momentaneamente se representou, sobre pôr em evidência, em foco, o seu enorme amor à República, liquidando de vez essa caterva de trauliteiros que a si próprios se desonraram.

Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães

No salão nobre da Associação de Classe dos Empregados do Comércio, realizou-se na sexta-feira passada a Assembleia Geral da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães.

Depois de lida a acta da sessão anterior e o relatório da última Gerência e apresentados, pelo respectivo tesoureiro, as contas referentes ao ano findo, procedeu-se à eleição dos novos corpos gerentes, a qual deu o seguinte resultado:

Assembleia Geral — Presidente, A. L. de Carvalho; Vice-Presidente, Dr. Adelino Ribeiro Jorge; 1.º Secretário, Manuel Fernandes de Oliveira e Castro; 2.º Secretário, Antonino Dias Pinto de Castro.

Direcção — Presidente, Capitão Duarte Ferreri de Gusmão Sousa Fraga; Vice-Presidente, José Luís de Pina; 1.º Secretário, Dr. José Pinto Rodrigues; 2.º Secretário, João Dias Pinto de Castro; Tesoureiro, Anibal Dias Pereira; Vogais, Luis Gonzaga F. Carvalho, Armando de Sousa Andrade, Joaquim Alberto Cesar e Antonio Laranjeiro dos Reis.

Conselho Consultivo — Abel Cardoso, Dr. António Amaral, Dr. Francisco Alberto Pinto Rodrigues, Dr. Francisco Moreira Sampaio, Dr. Isaías Vieira de Castro, Dr. João Faria Martins e Dr. João de Oliveira Bastos.

Comissão de Propaganda — Alberto Vieira Braga, A. L. de Carvalho, Eduardo Passos, An-

Páginas íntimas

Maria da Graça

Chamava-se Maria da Graça, e via-a quasi todos os dias, quando ela ia levar esmolas de frescôr aos cravos e manjericos que enchiam de amenidade e inefável poesia a janela da casinha aldeã onde nasceu: beijavam-na então os oiros do sol-menino e a fresca aragem das manhãzinhas; e beijava-a também, humildemente, re-

«A Defesa»

Entrou no 3.º ano de vida este nosso colega, que se publica na Povoia de Varzim.

Orgão republicano e de defesa dos interesses da Povoia de Varzim, tem-se mantido sempre dentro do lema, que traçou ao iniciar a sua publicação.

As nossas saudações sinceras e que conte muitos anos de vida para o bom desempenho da sua nobre missão.

Alberto Gomes da Silva

Seguiu para Coimbra, em viagem comercial, este nosso particular amigo, irmão do nosso estimado colaborador e presado correligionário, sr. Delfim Guimarães.

João Correia

Tem estado entre nós o negociante da praça do Pôrto, sr. João Correia, republicano dos da velha guarda.

Os nossos mais efusivos cumprimentos.

O nosso Editorial

O nosso editorial de hoje «Palavras firmes», é transcrito do nosso presado colega lisboeta «O Espectro», valoroso semanário republicano que naquela cidade se publica.

Este número foi visado pela comissão de censura

tonio Dias Pinto de Castro, João Serafim da Silva Ribeiro, Dr. José Pinto Rodrigues e Manuel Alves de Oliveira.

Tomou ontem posse, na sede da Associação dos Empregados do Comércio de Guimarães, a Direcção, há dias eleita, da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, a qual reuniu logo a seguir, tomando conhecimento de algumas propostas respeitantes a vários assuntos do maior interesse para a cidade e concelho, propostas que em breve serão tornadas públicas. Sabemos que a Direcção se propõe trabalhar com o maior entusiasmo, estando nós convencidos de que contribuirá, com o seu esforço, para a satisfação dos mais instantes interesses e necessidades de Guimarães. Na reunião a que nos referimos a Direcção resolveu saudar a imprensa local e os correspondentes jornalísticos, agradecendo-lhes os serviços que até hoje têm prestado à Sociedade.

ligiosamente, a luz magoada do meu olhar...

Na janelinha rústica em que eu via abrirem-se em flor os seus cravos e manjericos, via também desabrochar os cândidos sorrisos da sua vida em flor... Da mesma janela repartia cuidados pelas suas flores e despertava afectos no meu coração...

Chamava-se Maria da Graça... e os seus olhos eram duas estrelas caídas do manto da noite escura, — duas estrelas pousadas na noite escura dos olhos seus... e os seus cabelos tinham o jeito das

Instrução e Educação

A salvação nacional pela acção escolar

xv

O problema do pauperismo é de tôdas as nações, sobretudo depois da «grande guerra» por virtude da desorganização e desequilíbrio de que foi indiscutível consequência.

O desemprego, a redução dos salários concedidos semanalmente a oscilação cambial são questões que afectam os povos mais fortes e nos fracos originam a miséria.

Na Europa — teatro do conflito humano tremendíssimo — então são elas de uma acuidade que se reflecte em tudo; e o facto de não estarem pelo menos com uma resolução satisfatória assegurada, após quasi duas décadas, constitue um fenómeno deprimente para tanto estadista mentor da sociedade europeia.

De bom geito é, pois, que cada povo se vá apetrechando com os meios consentâneos de resistir à crise que se atravessa, inutilizando-lhe o máximo de consequências.

De entre esses meios o cooperativismo não é simples panacea para desprezar.

Não ignoramos que com as cooperativas não desaparecerá inteiramente o pauperismo; mas atenuá-lo-há muito com os progressos paralelos da processologia da produção.

A satisfação material das necessidades dos homens deve ser considerado como um ideal positivo.

Vem de longe a luta do proletariado pela melhora da sua situação.

Mas não é menos verdade que só triunfará auxiliado e assistido de uma conveniente instrução educativa.

Uma melhor participação na riqueza nacional lhes sorrirá, se se educarem; se se vestirem de coragem, de honestidade e de confiança; se se unirem e elegerem chefes inteligentes, activos e austeros; se satisfizerem com regularidade e pontualidade ao pagamento das suas quotas para a caixa das suas cooperativas, pois que muitas grandes verbas conquistam grandes capitais, sem se esquecerem de inteligentemente escolherem o meio mais propício à sua industrialização em equação com o condicionalismo local e económico.

Desta forma assegurarão os lucros do capital cooperativo e uma justa retribuição do seu trabalho e modificarão em seu proveito o estado económico.

Há dificuldades a vencer certamente, porquanto tôdas as grandes conquistas são difíceis.

Um resultado que lentamente se alcança não quer dizer que não seja seguro.

Por seu lado o Estado empenhe-se em destruir a suspeita de que favorece aqueles burgueses que fôram tidos como inimigos da instrução popular, racional e científica, derramada sobre os

ondas revôltas de um mar doirado, onde se perdiam as náus encantadas da minha contemplação...

Chamava-se Maria da Graça, e os seus cabelos, e os seus olhos, e os seus sorrisos eram cheios de graça celestial, eram cheios de graça infinda... Mas uma manhãzinha — há quanto tempo! — pareceu-me vê-la muito pálida e triste, muito linda e triste, como certo botão de rosa-chá que um dia desabrochara na sombria alameda de um caminho solitário, para logo emurhecer, e morrer,

Dr. Oliveira e Sá

Está de luto pelo falecimento de seu cunhado Joaquim Simões de Araujo, que no nosso meio grangeou inúmeras simpatias, o nosso bom amigo e velho republicano, Dr. Henrique de Oliveira e Sá, distinto professor do nosso liceu.

«A Velha Guarda» apresenta sentidas condolencias.

INTERESSA A TODOS OS PORTUGUESES

ADQUIRIR E LER

Portugal e os Geógrafos Estrangeiros

PELO

DR. JOSÉ BARATA

Professor do Liceu de Aveiro

Conferência pronunciada em Viseu no dia 1 de Junho

Com Algumas Palavras do Ex.º Sr. Coronel Numa Pompílio, Governador Civil de Viseu, e a Allocução proferida pelo Ex.º Sr. Reitor do Liceu de Alves Martins.

PREÇO 3500

Pedidos à

Gráfica Aveirense

Rua de José Estêvão — AVEIRO.

Para se amar uma Causa, é preciso haver sofrido por ela.

O apóstolo não é apenas o homem de fé, que sente o fogo sagrado a abraçar-lhe o peito: é também todo aquêle que não conhece nem dificuldades, nem perigos, nem sacrificios para servir o seu ideal.

Magalhães Lima.

operários para que jamais triunfassem na luta por melhor vida.

Facilite-se a execução de uma instrução que, sem afectar o equilíbrio social indispensável à paz, à ordem e ao trabalho de todos, seja contudo propícia a que a massa operária se eleve e desenvolva o potencial das suas aptidões e faculdades.

O sistema das excursões escolares foi implantado com êxito no nosso país. Resta generalizá-lo.

O princípio de que nada é bem ensinado sem experiência ou observação é reconhecido pelos Estados que nas suas escolas e organização do ensino e apetrechamento de gabinetes escolares introduzem os necessários e reclamados melhoramentos, além de um apurado esmero na preparação do seu pessoal docente.

Guimarães, 14-1-930.

Prof. J. F. B.

(Continua).

ao pôr-do-sol de uma saudosa tardinha estival...

...E a Maria da Graça já não aparecia todos os dias, e a janelinha rústica deixara de se abrir, e as brisas da manhã deixaram de a beijar... E as flores, vivinhas do seu affecto, definharam, lentamente secaram, depois que ela partiu, muito branca e formosa, muito linda e adormecida, para sempre adormecida, e aureolada na ingénua graça da sua vida em flor...

E no meu peito ficou então a viver esta Saudade que perpétua-

Noticias Escolares

Deram já por terminadas as reparações do edificio das Escolas Centrais da cidade. Não sabemos de que constaram as da parte em que está instalado o sexo feminino; mas, a avaliar pelas que fôram feitas na parte do sexo masculino, bem ligeiras elas fôram.

Mas... do mal o menos. Sempre já não chove dentro do edificio e não se escancaram tantos buracos.

Dizem-nos que o muito digno e ilustre Inspector Chefe da nossa Região Escolar oficiou às senhoras professoras no sentido de declararem em documento escrito se sim ou não necessitavam de residência contigua ao edificio escolar.

Quando mais não seja cessa o regime do «empata».

Joaquim do Vale Martho

Em avançada idade, e após prolongados sofrimentos, faleceu, na sua residência, à rua de D. João 1.º o antigo e muito estimado zelador municipal o sr. Joaquim do Vale Martho, sôgro do nosso particular amigo e indefectível republicano, sr. Major Marcelino Barreira.

Cumpridor dos seus deveres profissionais, era o empregado mais antigo da Câmara, sendo muito estimado.

Os seus funerais efectuaram-se na capela da V. O. T. de S. Domingos, com a assistência de irmãos terceiros, de um grupo de colegas e de algumas pessoas das suas relações e dos seus.

A família enlutada o nosso profundo pesar.

T. S. F. PHILIPS RÁDIO

O melhor entre os melhores.

Um aparelho de T. S. F. Philips é o único que proporciona horas agradáveis.

Philips é a garantia da T. S. F. Receptor Philips 2511, o único que na recente Exposição de Rádio, no Olympia, de Londres, foi classificado como vencedor.

Ouvir para viver.

PHILIPS RÁDIO PREFERIDO RAZÃO PRODUTO RARO

Peça hoje mesmo uma demonstração EM SUA CASA, sem compromisso nem encargos :::

B. JORDÃO, FILHOS & C.ª

GUIMARÃES

mente enche de candura as minhas queridas recordações: Saudade velhinha como a primeira ilusão que na minha alma floriu, e logo tombou, emurhecida, — como aquela rosa-chá que certo dia desabrochou na sombria alameda de um caminho solitário, e era muito pálida e triste, muito linda e triste, e logo morreu...

Por uma ante-manhã de Saudade...

S. D.